

A CONTRIBUIÇÃO DAS PUBLICAÇÕES ELETRÔNICAS PARA A LEITURA DA CRÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE

Paula Oliveira Campos Augusto¹
Prof.^a Dr.^a Rachel Esteves Lima²

Resumo: Este trabalho visa a analisar as transformações ocorridas nos discursos produzidos pela crítica literária brasileira a partir do advento da internet, considerado como novo espaço do exercício crítico. Através do acompanhamento de seis *sites* que publicam matérias sobre literatura, buscou-se comparar a crítica consolidada na *cultura do papel* e a crítica reconfigurada na *cultura da tela*. Há de se ter em mente, ainda, que historicizar fatos e fenômenos que acontecem no presente é tarefa delicada, por isso se faz necessária uma reflexão acerca das formas de construção da *história do presente*.

Palavras-chave: Crítica literária, metacrítica, publicações eletrônicas.

Têm se tornado cada vez mais comuns as produções e os trabalhos que tentam pesquisar algum aspecto do presente. No livro “No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI”, por exemplo, Flávio Carneiro elabora um mapeamento da prosa ficcional brasileira produzida de 2000 a 2005 para entender como se apresenta essa ficção hoje e para utilizar esse material como *corpus* balizado de sua pesquisa e de suas reflexões. No ensaio introdutório do livro ele escreve sobre a complexidade de se falar do presente:

A história tradicional nos ensinou que é preciso ter certo distanciamento do fato para analisá-lo com imparcialidade, mas desde pelo menos a década de 70 novos historiadores têm defendido posição contrária: é preciso ler o contemporâneo de dentro mesmo do contemporâneo. Tal empreitada, evidentemente, demanda toda uma nova metodologia de leitura, obrigando o analista – seja ele um historiador ou um crítico – a lidar o tempo todo com a instabilidade, a dúvida.³

O autor continua o texto defendendo que a instabilidade deve ser aliada e não adversária do analista, afinal a incerteza “pode nos livrar da ilusão de que há verdades absolutas e de que todo gesto humano deve ser devidamente catalogado, depois de

¹ Aluna da Graduação do curso de Letras Vernáculas na Universidade Federal da Bahia. paulaocaugusto@gmail.com.

² Prof.^a Dr.^a Adjunto da Universidade Federal da Bahia, atuando no curso de graduação em Letras, no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura e no Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade. rachellima@uol.com.br.

³ CARNEIRO. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, p. 32-33



dissecado plenamente”.⁴ Tenta-se, nesse trabalho, pensar a crítica na contemporaneidade, inserida na internet, e não impor verdades absolutas, pois analisar o presente é lidar com incertezas. O objeto pesquisado foi cercado através do arquivamento e mapeamento de textos metacríticos que foram publicados nesse espaço virtual. Os sites *Rascunho*, *Cronópios*, *Digestivo Cultural*, *Jornal de Poesia*, *Odisséia Literária* e *Todoprosa* foram acompanhados de Agosto de 2009 a Fevereiro de 2010 e deles foram selecionados 84 textos metacríticos, sendo 17 deles entrevistas.⁵ Essas publicações que compõem o *corpus* da pesquisa são base para as interpretações e reflexões acerca do objeto pesquisado.

É importante também destacar como foi salutar essa redefinição da História, que vai passar a encarar o tempo presente do historiador como tempo legítimo de ser estudado e analisado, apesar de sua instabilidade. Essa instabilidade temporal da contemporaneidade é tratada por Agamben, quando este compara a sua experiência de tempo com a especial experiência de tempo da moda. O autor afirma que a moda introduz um corte no tempo, dividindo-o segundo a sua atualidade ou inatualidade:

o “agora”, o *kairos* da moda é inapreensível: a frase “eu estou neste instante na moda” é contraditória, porque no átimo em que o sujeito a pronuncia, ele já está fora de moda. Por isso, o estar na moda, como a contemporaneidade, comporta um certo “agio” [intervalo, espaço livre], uma certa dissociação, em que a sua atualidade inclui dentro de si uma pequena parte do seu fora, um matiz de *démodé* [de inatualidade].⁶

É levando em conta essa instabilidade, esse aspecto fugidio do “ser contemporâneo”, que se pensará, aqui, a crítica na contemporaneidade e as transformações ocorridas com o advento da *cibercultura*. No texto “O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?”, Rodrigo Almeida escreve como a convergência digital vem influenciando em diversos níveis do cotidiano e chama a atenção para o seu caráter irreversível e sua inserção numa era de fragmentos – a pós-modernidade. Afinal a era digital não aparece sozinha, ela se insere nesse contexto no qual as fronteiras e o *modus operandis* específico se diluem. Consequentemente:

⁴ CARNEIRO. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*, p. 33

⁵ Plano de trabalho de pesquisa do bolsista FAPESB/UFBA dentro do Projeto *Memórias da Crítica*, da Prof^a Dr^a Rachel Esteves Lima, que consiste em acompanhar os sites *Rascunho*, *Cronópios*, *Digestivo Cultural*, *Jornal da Poesia*, *Odisséia Literária* e *Todoprosa*, no período compreendido entre agosto de 2009 e julho de 2010.

⁶ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, p. 68.

Isso reverbera no perfil do crítico – que pode insurgir sem ser artista, acadêmico ou jornalista – e nos perfis de críticas que se distanciam de um “único” ideal: crítica genética, biográfica, impressionista, visual, estrutural e semiótica se misturam. Tudo é permitido. E não que não fosse antes: precisamos saber dosar o excesso de visibilidade do presente para que ele não se torne a perda de um passado, pontuando sempre que necessário o novo, mas sem nunca perder de vista a história.⁷

Apesar do quase anárquico “tudo é permitido”, percebe-se nos perfis dos críticos dos *sites* pesquisados a ligação ainda forte destes com a Universidade, já que a maioria possui alguma formação em Letras nas diversas instituições do país. Mas de fato há uma mistura de ideais nos textos encontrados, percebida pela convergência de uma linguagem tipicamente acadêmica com uma linguagem mais coloquial, próxima do registro oral – modo de expressão muito frequente na internet. A produção textual e o uso da palavra no ciberespaço vêm sofrendo metamorfoses e Almeida enfatiza a liberdade na composição do conteúdo e na publicação, o que põe de lado qualquer tipo de censura ideológica: “as abreviaturas, a oralidade, gírias unidas a academicismo e o caráter hiperpessoal dos blogs se destacam”⁸. Isso contribui para a democratização do fazer artístico, crítico ou jornalístico, o que não implica qualidade.

Ao falar dessa democratização ocorrida com o advento da internet devemos evitar a ingenuidade, pois o “ciberespaço não pode ser resumido apenas como ruptura hipotética, afinal é, além de ruptura, manutenção de continuidades e desigualdades pré-existentes”.⁹ Mas não podemos perder de vista as mudanças ocorridas. Julio Daio Borges, fundador do *Digestivo*, em entrevista, pontua a diferença entre as publicações na Internet e as publicações impressas:

Com o advento da internet, você tem muito mais que uma biblioteca ao alcance do mouse, você tem uma capacidade de produzir, distribuir e viver da sua produção que não existia antes. (...) É um renascimento; mas como a velha indústria cultural está morrendo junto, fica parecendo que a internet é o ‘anticristo’; não é – é a salvação.

(...)

Quando me cai um jornal ou uma revista nas mãos, eu vejo muita dependência das assessorias de imprensa, da “agenda” e dos *press releases*. Quem edita os cadernos culturais, das principais revistas e jornais, não são os editores, são as assessorias de imprensa, sempre a serviço da indústria. (...) A internet tem a

⁷ ALMEIDA, Rodrigo. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 74

⁸ ALMEIDA, Rodrigo. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 74

⁹ ALMEIDA, Rodrigo. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 84

chance de quebrar esse círculo. Os colaboradores do *Digestivo*, por exemplo, escrevem por paixão.¹⁰

Julio Daio Borges, como bom *integrado*, coloca a Internet na posição de salvadora, pois ela liberta a produção das dependências enraizadas na imprensa tradicional, como a dependência das assessorias de imprensa que cerceiam o que será escrito. Ao tratar dessa narrativa messiânica que impõe dicotomias paralisantes e contradições inexistentes entre as culturas impressa e digital, Giselle Beiguelman traz à tona certos discursos reiterados por essas “supostas polaridades”, como “o já entediante blá-blá-blá sobre a grande teia que nos envolveria candidamente em uma aldeia global, prometendo um mundo plug & play que, a despeito de nossos desejos, ainda é o mundo do angustiante plug & pray”.¹¹ Beiguelman enfatiza como essas polarizações desenvolvem um discurso salvacionista que permeia a internet e que nem sempre corresponde à realidade dos usuários. Assim como Rodrigo Almeida pontua a importância da desconfiança em relação à ruptura e ao novo promovidos na internet, a autora demonstra também sua postura cética sobre esse otimismo em relação à cultura digital e às promessas de um futuro que nunca chega:

O discurso do marketing corporativo é convincente e uma gama de produtos e ferramentas promete, diariamente, revoluções nos modos de publicação, distribuição e pensamento que trazem sempre algo novo e que desterram tudo aquilo que lhes é anterior.

A lógica da novidade iminente draga não só o passado, mas o próprio presente, arremessando-nos em um estranho estado de expectativa de um pós-futuro que nunca chega, mas que se promete a milhões e milhões de potenciais usuários globais.¹²

Ainda considerando essa ideia da internet como o “anticristo”, em vez de afirmar a suposta morte da crítica literária brasileira, afinal o excesso de opiniões na internet resulta no questionamento da legitimidade da crítica, Almeida nos traz uma visão de reconfiguração nesse novo suporte, encarando a crise como algo profícuo:

É um momento de diálogo e de “crise”, mas como nos ensina o mestre Lourival Holanda, melhor que seja de crise mesmo, porque a crise nega a estagnação do pensamento em favor da transformação. Nesse sentido que devemos seguir. Pelo bem ou pelo mal, a literatura e a crítica literária postas em debate na Internet

¹⁰ BORGES, Julio Daio. *Ao Portal Galego da Língua*

¹¹ BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*, p. 10

¹² BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*, p. 10

encontram uma diversidade de pontos de vista, uma divulgação que torna a visualização desvinculada do *mainstream*.¹³

Claudio Willer, no texto “Crítica, literatura e universidade”, publicado na última edição da *Revista Agulha*, também questiona essa reiterada crise da crítica se perguntando: crise de qual crítica? A crítica mudou e os críticos também mudaram. Os novos críticos reivindicam novos valores, por isso esse momento de transição e reordenação traz à tona um cenário de mudança de paradigmas. Jardel Dias Cavalcanti, no texto “O prazer da literatura em perigo”, constata como a especialização da crítica literária universitária afastou a literatura do público-leitor, já que as análises das obras eram tomadas como verdade e única possibilidade de leitura, fechando as possibilidades de outras visões sobre a obra:

A partir dos anos 60, correntes teóricas literárias formalistas, estruturalistas e/ou sociólogo-marxistas fizeram com que o prazer da literatura fosse substituído pelo prazer da engenhosidade analítica. A teoria triunfou sobre o prazer.

(...)

A consequência mais imediata dessa tragédia é que nas escolas e universidades ensina-se e discute-se mais o que os críticos pensam das obras literárias do que o que as obras comunicam por si mesmas.¹⁴

Esses novos críticos reivindicam o retorno ao prazer de ler, o retorno de uma crítica menos amarrada a conceitos, verdades e teorias generalizantes. Pode-se perceber, ainda, que há pontos bastante comuns no debate sobre a crítica literária empreendido nos *sites* pesquisados, como a defesa de uma crítica mais tolerante, menos imobilizada pelo impasse Vanguarda X Tradição, livre, portanto, dessa velha dicotomia. Na resenha “Os ensaios radioativos de Márcio-André”, Carlos Felipe Moisés escreve:

Enquanto parte da literatura brasileira torce o nariz para a multiplicidade de rumos que aí está e insiste em preservar sua crença no sistema, na especificidade de gêneros e categorias e na autoridade de instâncias consagradas; enquanto outra parte promove a exaltação do antissistema ou a diluição geral de gêneros e categorias (mas sem abrir mão da nova autoridade propiciada pelo radicalismo autoindulgente), poetas como Márcio-André, representante dessa que já vem sendo chamada Geração 00, parecem ter dado um passo adiante, finalmente libertos do imobilizador impasse vanguarda x tradição. Alheio à velha querela, o autor desses instigantes *Ensaio radioativos* se empenha em tirar partido das contradições e ambivalências, das impurezas e da heterogeneidade, atributos até há pouco tomados como indícios de uma “transição” (que jamais se cumpre)

¹³ ALMEIDA, Rodrigo. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 76

¹⁴ CAVALCANTI, Jardel Dias. *O prazer da literatura em perigo*

mas, já agora, encarados como matéria inalienável de toda criação literária. Um passo, quem sabe, no rumo da tolerância.¹⁵

Se a posição dessa crítica não é otimista, não é pelo menos paralisada/imobilizada. Pode-se não saber aonde tantas mudanças irão levar, mas a tentativa de entender e saudar o contemporâneo e suas alterações positivas também se mostra bastante presente, como se percebe na fala de Luiz Ruffato, em entrevista ao site *Odisséia Literária*:

Não tenho dúvida de que estamos vivendo um dos melhores momentos da história da literatura brasileira, com uma enorme produção descentrada do eixo Rio-São Paulo, com autores das mais diferentes idades, concepções estéticas, temáticas e filosóficas, com a aposta das grandes editoras em nomes desconhecidos, com uma circulação imensa de informação. O que vai ficar de tudo isso? Não tenho a menor idéia. Mas com certeza ficará muita coisa. Esse é um momento de construção e de maravilhamento.¹⁶

Tenta-se pensar o contemporâneo e condena-se a preguiça intelectual dos críticos que ficam no passado e não arriscam leituras, que interpretam e comentam apenas as obras de escritores consagrados ou daqueles quase consagrados sempre aclamados. No texto “O alto, o baixo e o preguiçoso”, Sérgio Rodrigues escreve sobre a polêmica entre “baixo” e “alto” em arte: “A preguiça intelectual por trás dessas dicotomias é patente: ao nos libertarmos delas, somos obrigados a ler de verdade, aceitando os termos de cada obra para julgá-la em si. Dá trabalho”. E tenta apontar um caminho para o século XXI: “estamos vendo e veremos cada vez mais uma erosão dos muros estéticos, escavados de um lado por uma nova geração de acadêmicos e críticos menos hostil ao prazer de ler e, do outro, por artistas e editores dispostos a alargar as fronteiras do mercado”.¹⁷

Em entrevista ao *Digestivo Cultural*, Luis Eduardo Matta, escritor e colunista fixo do *Digestivo* de 2003 a 2008, discorre sobre o fato de existir uma crítica literária que ignora a realidade e conceitos outros que não os seus e como os *blogs* abrem espaço para especializações e leituras críticas diferentes das que estão em voga e se repetem nos meios tradicionais:

¹⁵ MOISÉS, Carlos Felipe. *Os ensaios radioativos de Márcio-André*

¹⁶ RUFFATO, Luiz. *Luiz Ruffato e o Amores Expressos*

¹⁷ RODRIGUES, Sérgio. *O alto, o baixo e o preguiçoso*

existe uma parcela da crítica que vive encastelada nos seus próprios conceitos e, com isso, acaba fugindo da realidade. Eles tratam a literatura como se fosse uma coisa só e usam os seus parâmetros para avaliar tudo o que lêem, como se todos os livros tivessem a mesma proposta. Já li resenhas em que o jornalista avaliava um livro policial e ignorava a trama, preferindo identificar clichês de linguagem na narrativa. Isto é, ele usava critérios indicados para analisar uma obra esteticamente mais ambiciosa, para falar de um gênero em que a trama é muito mais importante do que a linguagem. Esses equívocos são bastante comuns. Talvez isso se deva ao fato de não termos, ainda, desenvolvido uma tradição na literatura de entretenimento que estimule a consolidação de uma corrente de críticos especializados nessa linha. Os blogs arejaram e diversificaram bastante a crítica, principalmente aquela mais despretenhosa, que reflete, muitas vezes, o gosto pessoal do leitor, e que é bastante válida, a meu ver.¹⁸

Apesar de, em alguns textos selecionados, reconhecer-se “que passamos de uma época em que a arte dependia de um reconhecimento crítico fundamentado para outra, em que depende de uma designação e de um reconhecimento do mercado”¹⁹, reconhece-se também que a crítica continua ajudando não apenas a provocar e criar leitores, mas também a fazer escritores. Julio Daio Borges comenta, no texto “Por que a crítica, hoje, não é bem-vinda”, a importância do crítico como orientador do público:

Felizmente, com a internet, parece que a crítica está voltando. Infelizmente, porém, prolifera nela o crítico amador, que é quase o anticrítico. (...) Sinceramente, não acho que qualquer pessoa pode ser um crítico; como qualquer pessoa não pode ser um médico, um astronauta, um cientista – apenas porque quer; apenas porque, certo dia, acordou com vontade de “criticar” alguém ou alguma coisa.

(...)

A crítica, contudo, deve, de alguma forma, voltar. O público clama por orientação – e isso é nítido. Desde a popularidade dos manuais de auto-ajuda até o fanatismo religioso ressuscitado, todo mundo se sente destituído de certezas e não agüenta mais essa realidade relativística onde “tudo é válido”. A crítica não é determinismo e não vai obrigar ninguém a seguir por essa ou por aquela via – vai, simplesmente, iluminar o caminho. Aprendi o que sei com críticos; e não apenas jornalistas – mas gente que assumiu a tarefa de separar o joio do trigo. Você, aliás, pode até discordar de mim, mas garanto que, em algum momento, precisou igualmente de orientação. E de crítica.²⁰

Outra mudança apontada também por Rodrigo Almeida, em benefício da crítica, é a superação da “antiga lógica de emissão única para recepção múltipla: interfaces inteligentes que capacitem o usuário como produtor de opinião e informação diante de

¹⁸ MATTA, Luis Eduardo. *Luis Eduardo Matta*

¹⁹ TRIGO, Luciano *apud* CAVALCANTI, Jardel Dias. *A letargia crítica na feira do vale-tudo da arte*

²⁰ BORGES, Julio Daio. *Por que a crítica, hoje, não é bem-vinda*

uma janela de opções midiáticas. A crítica da crítica ganha uma via oficial”.²¹ Através da seção *Cartas*, do *Rascunho*; da possibilidade dos *comentários*, do *Digestivo Cultural*, do *Odisséia Literária* e do *Todoprosa*; e do espaço do *Café Literário*, do *Cronópios*, para comentários e discussões – através desses espaços reservados para o leitor-usuário, a crítica é fomentada, e esse leitor passa a ser também produtor daquele texto *postado*, que continua sendo escrito nos *comentários*. “Ultrapassa-se aqui a noção de complementaridade veiculada no interior do sistema literário, atingindo o nível da confusão entre os papéis. O autor escreve e o leitor escreve por cima”²².

Em entrevista ao site *CampiDigital*, Rafael Rodrigues, editor-assistente do *Digestivo Cultural*, fala sobre a colaboração dos usuários-leitores na produção de conteúdo do site, passando de receptores para produtores de conteúdo:

Vários colaboradores do Digestivo - ou seja, pessoas que escrevem para o site, mas não são colunistas fixos - foram "descobertos" por nós em seus blogs. Ou nos enviaram textos para avaliação, confiantes no trabalho que fizeram em seus blogs. Houve o caso, inclusive, de um texto que, originalmente seria um comentário. Era imenso, o leitor dividiu em quatro ou cinco partes. Juntei todos eles num arquivo e pensei: "isso aqui rende uma coluna". Conversei com o Julio, ele concordou que o material era bom, depois entrei em contato com o leitor e o cara topou em deixar publicarmos o texto dele. Depois viemos saber, ele não é um "leitor comum", digamos, mas um cara com experiência, coordena o setor de atendimento de uma rede de livrarias, mas foi muito curioso como tudo aconteceu. Era para ser um comentário, acabou virando coluna. A grande mídia parece não ter ainda entendido isso. Ou talvez tenha entendido, mas não tenha como dar espaço para esses leitores que geram conteúdo. E aí a coisa desemboca na internet, o que a deixa ainda mais rica.²³

Apesar disso, o poder de troca dos comentários ainda é menosprezado e pouco aproveitado, mas não se pode negar como a individualidade e o isolamento, constantes na crítica literária tradicional, parecem estar sendo superados em favor de um compartilhamento de ideias. Compartilhamento facilitado pelo modo como o texto se dispõe na tela, passando a ser chamado de *hipertexto*. Segundo Pierre Lévy, o *hipertexto* é “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”.²⁴ Os *links*, bastante explorados pelos *sites* pesquisados, proporcionam uma leitura desordenada e compartilhada: a crítica fala da crítica feita em outro *site* ou em outro suporte, como revistas e jornais, e todas as informações estão ali

²¹ ALMEIDA, Rodrigo. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 75

²² ALMEIDA, Rodrigo. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 75-76

²³ RODRIGUES, Rafael. *Entrevista ao CampiDigital*

²⁴ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*, p. 56

sobrepostas em janelas. Houve, por isso, na pesquisa, uma dificuldade em arquivar todos os textos que se sobrepunham em um “movimento perpétuo”.

No texto “Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura”, Magda Soares cita Bolter e escreve sobre como a cognição digital reaproxima o ser humano dos seus esquemas mentais:

a escrita no papel, com sua exigência de uma organização hierárquica e disciplinada das idéias, contraria o fluxo natural do pensamento, que se dá por associações, em *rede* – segundo esse autor, é o hipertexto que veio legitimar o registro desse pensamento por associações, em rede, tornando-o possível ao escritor e ao leitor.²⁵

Essas associações em rede ajudam a crítica a refletir sobre si mesma mais facilmente e propiciam o debate. Em vez de uma produção solitária, a internet abre um espaço de construção coletiva do exercício da crítica literária.

Uma questão bastante reiterada hoje, percebida também nas análises dos *sites* pesquisados, sobre a tecnologia, é o fato de que ou as pessoas mudam sua organização, buscando o letramento digital, ou vão ficar para trás, ultrapassadas em meio a tantos avanços tecnológicos. O lançamento do livro eletrônico é um tema que tem causado bastante polêmica e tem dividido opiniões. Os críticos têm se preocupado bastante em analisar como as tecnologias estão interferindo em nossas vidas, tentando, dessa forma, traçar, de forma recorrente, alguns prognósticos em seus textos. Esses críticos inseridos no meio digital, ambientados nesse mercado, têm tomado posições pró-tecnologia, apesar de algumas ressalvas. Para mostrar como esse tema é explorado cito um trecho do desabafo de Sérgio Rodrigues, no *Todoprosa* (03/02/2010), no qual ele se queixa sobre o fato de a imprensa literária mundial estar se ocupando tão pouco de literatura, e se ocupando tanto de outros assuntos, como a tecnologia:

São todos assuntos fascinantes, complexos, atualíssimos, dos quais o mundo inteiro e este blog, que não é autista e também respira o *Zeitgeist*, vêm se ocupando há anos – nunca tão intensivamente quanto em 2010.

(...)

Tudo bem, tudo bem: ninguém escolhe o momento histórico em que vive e o quebra-pau parece longe de terminar. O único problema é que hoje acordei com uma saudade danada de um tempo, não muito distante, em que a imprensa literária estava cheia de assuntos ligados basicamente à literatura.²⁶

²⁵ SOARES, Magda. *Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura*

²⁶ RODRIGUES, Sérgio. *Mudando (mas não muito) de assunto*

No último editorial da Revista eletrônica *Agulha*, postado no *Jornal de Poesia*, os editores fazem uma releitura do que foi escrito na revista sobre a expansão do meio digital e do mundo virtual, ressaltando a opção pelo equilíbrio tomado pela revista, e usando sua recepção e seus dez anos e setenta números como argumentos contra os que acham que a Internet rebaixou o nível cultural:

Cada número foi aberto por um editorial, acompanhando e comenta[n]do acontecimentos, da esfera artística e literária, e também política, além de contribuir para o debate sobre o alcance e conseqüências da Internet, acompanhando de perto a expansão do meio digital e do mundo virtual. Relendo o que foi escrito sobre o tema, percebe-se, pensamos, o equilíbrio: nem catastrofismo, nem messianismo salvacionista; quanto às críticas mais recentes à difusão de informações pela Internet, a própria recepção de *Agulha* é uma resposta aos profetas de mau agouro, aos que vêem a diversidade de utilizações da rede como acarretando a vulgarização e o rebaixamento de nível cultural.²⁷

Levando essa afirmação em conta, pode-se argumentar também a favor da recepção dos *sites* pesquisados e de seu tempo de existência. Afinal são treze anos de *Jornal de Poesia*, nove anos de *Rascunho*, oito anos de *Digestivo Cultural*, cinco anos de *Odisséia Literária*, quatro anos de *Cronópios* e três anos de *Todoprosa*. Pode parecer pouco em relação aos suportes de comunicação tradicionais, mas em relação ao tempo de Internet e ao seu *boom* no Brasil (1996) é um tempo considerável e os coloca na posição de precursores da discussão literária no *ciberespaço*.

Procurou-se, nesse texto, diferenciar a crítica literária produzida hoje na internet da crítica literária anterior veiculada nos meios de comunicação tradicionais, através da análise dos textos metacríticos publicados nos *sites* que fazem parte do *corpus* da pesquisa. Ressalto a importância e a emergência desse tema em um momento de transição e reconfiguração da crítica, momento que precisa ser acompanhado, pois reflete o pensamento da intelectualidade de nossa época e nos mostra como paradigmas enrijecidos estão sendo desestabilizados.

Como Rodrigo Almeida escreve, “muito do que é escrito na Internet ainda é puro reaproveitamento do que era/é escrito nos meios impressos, podendo inclusive transitar de um a outro sem grandes perdas”.²⁸ É o caso do *Rascunho*: seus textos são iguais no formato impresso e digital. Também sobre isso escreve Beiguelman, pontuando a centralidade ainda forte do livro impresso: “é inegável que o livro impresso

²⁷ Revista *Agulha* #70. *Último editorial*

²⁸ ALMEIDA, Rodrigo. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?, p. 77

seja ainda a referência central do universo da leitura *on line* e, por conseguinte, da forma como se estrutura essa leitura de mundo”.²⁹ Porém transformações significativas estão ocorrendo e devem ser observadas por quem não negligencia o presente. Agamben é assertivo ao falar sobre isso: “Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente”.³⁰

²⁹ BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*, p. 11

³⁰ AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, p. 59

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, Rodrigo. O Overmundo como parâmetro de uma crítica digital?. In: MIRANDA, Adelaide Calhman de (et al.). *Protocolos críticos*. São Paulo: Iluminuras: Itáu Cultural, 2008.

BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BORGES, Julio Daio. Por que a crítica, hoje, não é bem-vinda. *Digestivo Cultural*, 25 jun 2004. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1385>>. Acesso em: 7 jan 2010.

BORGES, Julio Daio. Ao portal galego da língua. *Digestivo Cultural*, 7 ago 2009. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/blog/post.asp?codigo=2436>>. Acesso em: 19 ago 2009.

CARNEIRO, Flávio Martins. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CAVALCANTI, Jardel Dias. A letargia crítica na feira do vale-tudo da arte. *Digestivo Cultural*, 5 jan 2010. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2956>>. Acesso em: 7 jan 2010.

CAVALCANTI, Jardel Dias. O prazer da literatura em perigo. *Digestivo Cultural*, 11 ago 2009. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2857>>. Acesso em: 19 ago 2009.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MATTA, Luis Eduardo. Luis Eduardo Matta. *Digestivo Cultural*, 7 set 2009. Entrevista concedida a Julio Daio Borges. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=33>>. Acesso em: 8 set 2009.

MOISÉS, Carlos Felipe. Os ensaios radioativos de Márcio-André. *Cronópios*, 28 set 2009. Disponível em: <<http://www.cronopios.com.br/site/resenhas.asp?id=4210>>. Acesso em: 28 set 2009.

Revista Agulha #70. Último editorial. *Jornal de Poesia*, set 2009. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/ag70capa.htm>>. Acesso em: 4 set 2009.

RODRIGUES, Rafael. Entrevista ao CampiDigital. *Digestivo Cultural*, 6 mar 2010. Disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/blog/post.asp?codigo=2588>>. Acesso em: 6 mar 2010.

RODRIGUES, Sérgio. O alto, o baixo e o preguiçoso. *Todoprosa*, 1 set 2009.
Disponível em: <<http://colunistas.ig.com.br/sergiorodrigues/2009/09/01/o-alto-o-baixo-e-o-preguiçoso/>>. Acesso em: 2 set 2009.

RODRIGUES, Sérgio. Mudando (mas não muito) de assunto. *Todoprosa*, 3 fev 2010.
Disponível em: <<http://colunistas.ig.com.br/sergiorodrigues/2010/02/03/mudando-de-assunto/>>. Acesso em: 5 fev 2010.

RUFFATO, Luiz. Luiz Ruffato e o Amores Expressos. *Odisséia Literária*, 4 set 2009.
Entrevista concedida a Leandro Oliveira. Disponível em:
<<http://odisseialiteraria.com/2009/09/luiz-ruffato-e-o-amores-expressos/>>. Acesso em: 7 set 2009.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: Letramento na cibercultura.
Unicamp. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em: 9 set 2009.